

O labor interrompido

Fernando Scheibe

Mestrando em Teoria Literária — UFSC

“Bons sentimentos, ao que me levastes!”

(“Grasilviano” Santiago, *Em liberdade*)

“Certa hora da tarde era mais perigosa.

*Certa hora da tarde as árvores
que plantara riam dela.”*

(Clarice Lispector, “Amor”)

Digo desde já: o ponto de (contra-)partida deste texto é uma comunicação de Silviano Santiago intitulada *A aula inaugural de Clarice*, apresentada no Colóquio sobre modernidades tardias realizado em Belo Horizonte, na UFMG, em agosto de 1997¹. Trata-se aqui de ler Clarice em parte com Santiago, mas sobretudo contra ele (ou, melhor, contra esse estrato de seu texto, contra o posicionamento que assume *ai*²).

Outro ponto de partida — obliquamente complementar ao primeiro, como veremos — é a constatação de uma similaridade bastante grande entre o espaço em que se joga a escritura clariceana e aquele que atravessa(m) os textos de

Georges Bataille. Espaço em que se inscrevem questões extremas — e por isso extremamente interessantes — como a da *experiência*, do *êxtase*, do *dom*, da *soberania*, do *sacrifício*, da *despesa*, da *comunicação* e, talvez aquela que manifeste mais explicitamente o choque com o posicionamento de Santiago em relação a Clarice, do *désœuvrement*³.

São basicamente estas questões que tenciono desdobrar, pôr em movimento, à medida em que for tentando desconstruir aquilo que na dita comunicação me parece passível de sê-lo.

O ponto fundamental sob o qual pretendo colocar minha pobre dinamite é, como já o indica o título de meu texto, a afirmação de que Clarice nos dá em seus textos uma *lição de labor*.

Com Silviano

A primeira parte, incontestável (mas talvez bem pouco surpreendente), da comunicação descreve a ruptura ocasionada por Clarice desde seu primeiro livro publicado, *Perto do coração selvagem* (1944), com toda uma “*tradição afortunada*” da “*alta*” literatura brasileira. Essa, pois, até então, só se dava, ou, melhor, só era tomada como tal na medida em que “aludia direta ou indiretamente a um *acontecimento* da formação colonial e do desenvolvimento nacional”, ou seja, seu valor consistia na maior ou menor desenvoltura com que interpretava acontecimentos reconhecidamente importantes para o desenvolvimento de nossa (nós, brasileiros) consciência de nacionalidade, ou ainda, que o espaço da ficção literária (que se quisesse válida) se encontrava de antemão limitado pela “*auréola interpretativa do acontecimento*” (reconhecidamente nacional).

A trama novelesca que não obedecesse a esse imperativo era imediatamente “jogada na lata de lixo da história como sentimental ou condenável”.

Santiago afirma então que “Numa tarefa aqueológica, o fundamento dito literário da prosa de Clarice — ‘a visão mágica da existência’ — só poderia ser encontrado na chamada literatura sentimental” (na lata de lixo da história)⁴ e que “Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna”.⁵

As dificuldades de nossos críticos literários diante do texto de Clarice são ilustradas por Santiago através do caso exemplar de Roberto Schwarz que, embora legivelmente fascinado pela sereia, como bom desconfiado, usa de toda a corda e toda a cera lukacsiana para manter-se mestre-de-si e impugnar a “ambição” da obra de Clarice por levar à anulação do sentido histórico na trama novelesca, por transgredir assim o regime da narrativa.

Até aqui quase tudo bem. Fora as ressalvas quanto a ter Clarice, sozinha, inaugurado uma tradição; quanto a ser essa uma tradição “feminina e, por ricochete, subalterna”; quanto, ainda, à adequação da fórmula “literatura é literatura” ao caso de Clarice; e finalmente quanto a dizer que “um mergulho na matéria da palavra” (citação extraída de *Água Viva*) corresponde à “capacidade que tem a palavra de se suceder a uma outra palavra, sem a necessidade de buscar um suporte alheio ao corpo das próprias palavras que se sucedem em espaçamento”, e que “Basta-lhe o suporte da sintaxe”.

Breve: concordo com Silviano quase unicamente quanto àquilo que o texto de Clarice não é: uma narrativa oitocentista limitada à interpretação de acontecimentos ditos nacionais.

Contra Silviano

O *instante-já* é um átomo de tempo?⁶ Logo no início da segunda parte de sua comunicação, Silviano afirma que Clarice quis “inaugurar uma outra concepção de tempo para o romance

(...): a do tempo atomizado e, concomitantemente, espacializado”, e que “o ‘momento’, ‘os raros momentos essenciais’ (...) estão dramatizados na ficção de Clarice. Podem, por isso, ser compreendidos e interpretados como partículas aparentemente privilegiadas e imóveis do presente”. Mas faz a seguir a seguinte ressalva: “No entanto, o momento, os raros momentos essenciais devem ser também e principalmente compreendidos e interpretados na fatalidade de seu devir, quando deslinearmente se articulam para se sobrecarregarem de força utópica.”

Ora, essa terceira afirmação não faz apenas restringir as duas anteriores, ela as anula. Se os momentos devem ser “interpretados na fatalidade de seu devir”, vale dizer, em sua precariedade, em sua essencial instabilidade, furtividade, é justamente porque não são átomos, isto é, partículas indivisíveis do tempo.

Talvez fosse mais interessante — estendendo aquilo que Jean-Luc Nancy diz da singularidade de um corpo, de um rosto, de uma voz, de uma morte, de uma escritura... — falar em uma concepção do tempo singularizado pois

la singularité n’a jamais ni la nature, ni la structure de l’individualité. La singularité n’a pas lieu dans l’ordre des atomes, identités identifiables sinon identiques, mais elle a lieu dans le plan du *clinamen*, inidentifiable. Elle a partie liée avec l’extase: on ne saurait dire proprement que l’être singulier est le sujet de l’extase, car celle-ci n’a pas de ‘sujet’, mais on doit dire que l’extase (la communauté) arrive à l’être singulier⁷ [num instante singular].

Clarice, aliás, após afirmar, como lembra Silviano, que seu tema de vida é o instante contradiz-se: “Mais que um

224

instante, quero o seu fluxo”,⁸ vale dizer, seu *clinamen* — sua inclinação, sua declinação, seu deslizamento, seu movimento: “Quero escrever movimento puro”.⁹

Propor-se como “tema de vida” o *instante-já* é em verdade trágico, na medida em que esse é insaisissable¹⁰. É isso o que Silviano apaga em seu texto quando, por exemplo, ao citar o seguinte trecho de *Água viva*

Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago, acendo e apago,

deixa de citar o restante do parágrafo que diz: “acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero seu fluxo.”¹¹

Da mesma forma, “A romancista é alguém que, como está escrito em *Água viva*, *‘fabrica o futuro como uma aranha diligente’*”. Quando o que lemos em *Água viva* é: “Eu, que fabrico o futuro como uma aranha diligente. E o melhor de mim é quando nada sei e fabrico não sei o quê.”¹²

Experiência subjetiva ?

Assim como caracteriza o tempo clariceano como tempo atomizado, Silviano recorre insistentemente à categoria do indivíduo para caracterizar o ser humano em sua ficção.

Em vários momentos de sua comunicação comparece o postulado de que a ficção de Clarice se funda na *experiência subjetiva* do personagem e visa o *progresso individual*, o *fortalecimento do indivíduo*.¹³ Postulado que se liga ao favorecimento de “uma concepção humanitária, qualitativa de progresso”.

Mas será que há espaço no texto clariceano para se falar em *experiência subjetiva, individual*? Talvez. O que sei é que há aí também espaço para se ler a experiência justamente como aquilo que se dá na dissolução do subjetivo, do individual.

Seja num conto como “Amor” (ao qual voltarei) em que a experiência é a desse Jardim infernal “com sua *impersonalidade* soberba”, seja em textos que representam algo como um *blow up* (uma ampliação gigantesca) dessa experiência do jardim, *A paixão segundo G.H.*, esse relato de uma desumanização, *Água viva*, esse “canto do it”, do impessoal, *Um sopro de vida*, esse agrupamento acéfalo de pulsações; a experiência aí se dá na medida em que o sujeito aceita o risco de sua própria perda, em que se entrega ao incomensurável perigo¹⁴ de deixar de ser um sujeito para simplesmente *ser*.

Estamos aqui na impossibilidade de qualquer *experiência subjetiva*, pois trata-se de *êxtase* que como já vimos (com Jean-Luc Nancy) por definição não pode ter um sujeito¹⁵, ou de *experiência interior* tal como a (in)define Bataille e que Kristeva resume como sendo “une traversée à rebours de la spécularisation comme moment initial de la constitution du sujet”.¹⁶

Se a ficção de Clarice se nega a servir de comentário de “fatos objetivos” da “história nacional”, não é entretanto, ao menos não essencialmente, para restringir-se, simetricamente, ao domínio da experiência de um sujeito. Note-se que de uma

forma ou de outra não haveria lugar para uma ficção soberana na medida em que a esta nada pode subjazer (nenhuma forma de *sujet*: sujeito, átomo, indivíduo; ou objeto, assunto (a história dita nacional)).

Retomando Jean-Luc Nancy digamos que a ficção de Clarice se dá nesse plano (ou seria talvez melhor falar nesse movimento?) — inidentificável — do *clinamen*:

Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. (...) Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás; o pesado saco de tricô despençou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.¹⁷

a experiência começa quando o sujeito se inclina, se desprevine, despenca, rui no chão. Quando o condutor não mais conduz, quando o bonde estaca e seus passageiros olham assustados.

O acontecimento em Clarice de fato “*transforma o personagem*”, como quer Silviano¹⁸, mas de maneira alguma “*fortalecendo o indivíduo*”: “Na fraqueza em que estava, tudo a atingia como um susto”.¹⁹ O acontecimento fortalece o ovo e não a galinha. Fortalece o ovo em detrimento da galinha pois:

A galinha que não queria sacrificar a sua vida. A que optou por ser “feliz”. (...) A que não sabia perder a si mesma. (...) A que não sabia que “eu” é apenas uma das palavras

que se desenham enquanto se atende ao telefone, mera tentativa de buscar forma mais adequada. A que pensou que “eu” significa ter um si-mesmo. As galinhas prejudiciais ao ovo são aquelas que são um ‘eu’ sem trégua.²⁰

Progresso qualitativo humanitário X transgressão inqualificável do humano

Outra tecla em que Silviano insiste é a de que “O rechaço do conceito de tempo como evolução linear, em infinita ascensão, leva Clarice a rejeitar, como veremos no final, uma concepção de progresso técnica, *quantitativa*, e a favorecer uma concepção humanitária, qualitativa de progresso”.

Aqui, mais uma vez, concordo com Silviano somente quanto àquilo que Clarice não é: uma apologista do progresso técnico-quantitativo. Mas no passo que vai daí a afirmar que ela favorece “uma concepção humanitária, qualitativa de progresso” eu não o acompanho *pas*.

Já citei a epígrafe de *Um sopro de vida* em que Clarice diz querer escrever *movimento puro*. Ora, este, para ser puro, não pode ser nem para frente nem para trás, nem regresso nem progresso. Da mesma forma, o que importa quanto ao *acontecimento* não é que “Ele cria um antes e um depois, valoriza a um (menos hostil, menos perecível) e ao outro (mais hostil, mais perecível), acarretando uma evolução não-linear, como vimos e veremos melhor adiante, da experiência solitária na vida do personagem.” O que importa é o próprio *instante-já* do acontecimento em sua atualidade crítica. O que importa é o momento da crise e não o da recomposição que a sucede.²¹ A transgressão e não o progresso.

Os próprios exemplos que Silviano escolhe para sustentar sua imagem de uma Clarice feliz (confiante no

progresso, ainda que não linear, da humanidade) — os contos “Amor” e “Mistério em São Cristovão” — são bastante infelizes. E podem, sem dúvida, ser lidos *à rebours*.

Ao invés de dizer que “‘Tudo é passível de aperfeiçoamento’, não é outra a lição do conto ‘Amor’”, digo sem hesitar que a lição desse conto (se é que há uma) é totalmente outra.

O trecho a que Silviano se refere — “Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma *aparência* harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem”²² — cuja fragilidade já vem marcada por essa dupla incidência do *aparente*, não expressa de maneira alguma a verdade última desse conto, mas sim justamente aquilo que o *acontecimento*, a crise²³, colocará em xeque (mate):

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram calmamente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite — tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso.”²⁴

A moral do Jardim era outra.²⁵

E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver.

Quanto a “Mistério em São Cristovão” estou certo de que qualquer leitor menos preocupado em confirmar sua tese de que a ficção de Clarice pode ser lida como um evangelho da qualidade total se aperceberá de que o que é valorizado no conto novamente é a crise e não o progresso.

É mesmo muito estranho que Silviano diga que “o progresso tinha chegado àquela família depois de muitos anos, pois tudo e todos crescem de maneira harmoniosa e verdadeira”, quando ele mesmo cita mais adiante o seguinte trecho do conto: “E como o progresso naquela família era frágil produto de muitos cuidados e de algumas *mentiras*, tudo se desfez e teve de se refazer quase do princípio.”

Estranho também que afirme: “Pouco importa, se espíritos ou cavalheiros mascarados, o que importa é que nunca se divertiram com tanta felicidade”, quando o que lemos no conto é que:

Os três cavalheiros mascarados, que por idéia funesta do galo, pretendiam fazer uma surpresa num baile tão longe do carnaval, foram um triunfo no meio da festa já começada. A música interrompeu-se e os dançarinos, ainda enlaçados, entre risos, viram três mascarados ofegantes parar como indigentes à porta. Afinal, depois de várias tentativas, os convidados tiveram que abandonar o desejo de torná-los os reis da festa porque, assustados, os três não se separavam: um alto, um gordo e um jovem, um gordo, um jovem e um alto, desequilíbrio e união, os rostos sem palavras embaixo de três máscaras que vacilavam independentes.²⁶

Mas o texto que melhor explicita o quanto Clarice está distante do apregoamento de um *progresso qualitativo humanitário* é *A paixão segundo G.H.*, ao qual já chamei anteriormente justamente de relato de uma desumanização e que podemos também caracterizar como relato de uma transgressão do humano em direção ao inqualificável, isto é, ao neutro.

Paradoxalmente, é nessa transgressão do humano que se realiza o destino o mais especificamente humano do homem:

Enfim, enfim, quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. Até o fim daquilo que eu não era, eu era. O que não sou eu, eu sou. Tudo estará em mim, se eu não for; pois “eu” é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo. Minha vida não tem sentido apenas humano, é muito maior — é tão maior que, em relação ao humano, não tem sentido. Da organização geral que era maior que eu, eu só havia até então percebido os fragmentos. mas agora, eu era muito menos que humana — e só realizaria o meu destino especificamente humano se me entregasse, como estava me entregando, ao que já não era eu, ao que já é inumano.²⁷

Estamos aqui próximos, sem dúvida, de um pensamento essencialmente paradoxal da transgressão tal o que se manifesta em *O erotismo* de Georges Bataille. Pensamento para o qual é o interdito (o trabalho, a linguagem...) o elemento mais propriamente humano, mas que afirma ao mesmo tempo que o que realiza mais cabalmente o interdito não é que se o obedeça e sim que se o transgrida.

É essencial ao homem recusar a violência do movimento natural, mas a recusa não significa a ruptura, anuncia, ao contrário, um acordo mais profundo. Esse acordo coloca em segundo plano o sentimento que tinha fundado o desacordo. Esse sentimento é tão bem conservado que o movimento que leva ao acordo é sempre vertiginoso. A náusea, depois a superação da náusea, que

acompanha a vertigem, são as fases da dança paradoxal que ordenam as atitudes religiosas.²⁸

O auge do erotismo, segundo Bataille, a paixão, segundo G.H., corresponde a esse *instante-já* da transgressão em que o homem leva sua humanidade ao limite justamente ao violar aquilo que a constitui.

O modo pois de nos aproximarmos ao máximo desse “*ponto culminante*” a que “a humanidade, em seu todo, aspira” e “que só ela o define, que só ela justifica e lhe dá sentido”²⁹, ou desse *clímax* a que aspira Clarice, ou da *Verdade do Ser*, como quer Heidegger, consiste em não acatar espécie alguma de humanismo, pois

“Por mais diversas que sejam, segundo suas finalidades e seus fundamentos, quanto aos modos e meios de suas realizações específicas ou consoante a forma de suas doutrinas, essas espécies de humanismo coincidem no fato de todas elas determinarem a *humanitas* do *homo humanus* a partir de uma interpretação já assente do ente em sua totalidade.

Todo humanismo ou se funda numa metafísica ou se converte a si mesmo em fundamento de uma metafísica. Toda determinação da Essência do homem, que já pressupõe, em si mesma, uma interpretação do ente sem investigar — quer o saiba quer não — a questão sobre a Verdade do Ser, é metafísica. Por isso a característica própria a toda metafísica — e precisamente no tocante ao modo em que se determina a Essência do homem — é ser “humanista”. Em consequência, todo humanismo permanecerá sempre metafísico. Ao determinar a humanidade do

homem, o humanismo não só não questiona a re-ferência do Ser à Essência do homem. Ele até impede tal questionamento uma vez que, devido à sua pro-veniência da metafísica, nem o conhece nem o entende.³⁰

Seria assim podar as asas³¹ de Clarice — dela que diz: “E canto aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém.”³² — transformar o seu *canto do it* num hino ao progresso humanitário qualitativo fundado na satisfação individual.

O labor interrompido

Eu de algum modo já me prometia por escrito que o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava. É possível também que já então meu tema de vida fosse a irrazoável esperança, e que eu já tivesse iniciado a minha grande obstinação: eu daria tudo o que era meu por nada, mas queria que tudo me fosse dado por nada. Ao contrário do trabalhador da história, na composição eu sacudia dos ombros todos os deveres e dela saía livre e pobre, e com um tesouro na mão.³³

Para Silviano, a *práxis* correspondente a esse ideal de *progresso qualitativo humanitário* é a do *labor*. Assim como aquele se opõe como *pendant* feminino de uma concepção eminentemente masculina de progresso técnico quantitativo, este suplementa, também femininamente, “a conceituação de base econômica e masculina de trabalho”, o trabalho alienado, justificado pela produtividade e concebido como “socialmente útil e necessário, mas não como trabalho individualmente útil e individualmente necessário”.

Tudo bem. Tudo muito bonito. Aceito integralmente a correspondência. Apenas, pois que não aceito que a ficção de Clarice seja uma lição de *progresso qualitativo humanitário*, não posso aceitar que o mostrar-nos o valor do labor forme a parte essencial dos “ensinamentos da aula inaugural de Clarice Lispector”³⁴.

Não que o labor não esteja presente em muitos dos enredos de suas ficções. Sem dúvida ele está. Mas, como bem o demonstra o próprio exemplo mal escolhido por Silviano — o conto “Amor” —, antes como constitutivo de um equilíbrio inicial e precário a ser rompido do que do âmago do texto que consiste, em geral, justamente na interrupção do labor, na transgressão do interdito. Pois é o domínio, profano, do interdito, da vigência do tabu, que o labor representa:

Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem *trabalha* — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o *lar* estava *para sempre fora de seu alcance*: uma *exaltação perturbada* que tantas vezes se confundia com *felicidade insuportável*. Criara em troca algo enfim *compreensível*, uma vida de adulto. Assim ela quisera e escolhera.”³⁵

— enquanto que o âmago, periclitante, da ficção clariceana é essa sagrada *exaltação perturbada*, essa *felicidade insuportável, incompreensível*, esse absurdo *aleluia* sem outro deus que não o *Desconhecido*.

‘O quê’ é o sagrado sacro do universo’.³⁶

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido”.³⁷

Entender é a prova do erro.³⁸

Autor: Tudo o que Ângela não entende ela chama de Deus. Ela venera o Desconhecido.

Ângela: Só me interessa o que não se pode pensar — o que se pode pensar é pouco demais para mim.

E esse ponto culminante, ao mesmo tempo abissal³⁹, à beira do qual se nos põe Clarice se dá no espaço atópico do *dom* que, ao contrário do que quer Silviano, não se confunde com o chão firme do labor.

Diz Silviano: “[O labor] É dom [sic]. Tem algo da economia na sua acepção etimológica: *oikos*, casa, e *nomos*, governo, o governo da casa, o governo do mundo.”

Diz Derrida: “Si bien la figura del círculo es esencial para el economico, el don debe seguir siendo aneconômico. No porque resulte ajeno al círculo, sino porque debe guardar com el círculo una relacion de extranheza, una relacion sin relacion de familiar extranheza. Puede ser que sea en este sentido que el don es lo imposible.” E em outro trecho:

La locura del don hace entrar en crisis a *logos y nomos*, pero puede ser que también a *topos*. Atopos, como sabemos, significa lo que no está ni en su sitio ni en su lugar (“las doce a las catorze horas”) y por lo tanto, lo extraordinario, lo insolito, lo extraño, lo extravagante, lo absurdo, lo loco. Puede ser (...) que sólo una locura *atópica* e *utópica* pudiera de ese modo dar lugar al don, el qual no puede dar mas que a condicion de

no tener ni lugar, ni residencia, ni domicilio
fijo: el don puede ser, si lo hay.⁴⁰

Nessa perspectiva o dom interrompe não apenas uma economia masculinizada, técnico-quantitativa, como também a femininizada, doméstico-campesina, exatamente a “economia na sua acepção etimológica”, a que se manifesta pelo *labor*.

Clarice segue sendo *aneconômica*. O trecho de *Os desastres de Sofia* citado no início deste “capítulo” deixa isso bem claro: a moral do jardim é outra, totalmente outra que a da fábula esópica que identifica tesouro e labor. Se “Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual Ana começava a se aperceber”, este, o trabalho, está tão longe do “trabalho alienado apenas socialmente útil” quanto do labor individualmente necessário e satisfatório. Trata-se de um trabalho eminentemente *désœuvré*⁴¹, que ninguém faz, que só pode se fazer, se dar, no ócio.⁴²

O dom, enquanto impossível, aquilo que, tal o presente, “pela sua própria natureza me é interdito”, não pode ser fruto do labor senão da mais “irrazoada esperança”. “Não fazer nada pode ainda ser a solução” (*Um sopro de vida*).

Junto com o labor, num mesmo movimento, é interrompido o lar. O dom, como indica Derrida, não pode ter residência, nem domicílio fixo. Ele é indomesticável, ou, para usarmos da importante categoria freudiana, *Unheimlich* (que se costuma traduzir por *estranho*).

Por essa via também cruzamos com Clarice. Já vimos que no conto “Amor” Ana mantinha-se afastada da *estranheza inquietante* de sua juventude auto-impondo-se os limites do labor e do lar. Vimos também que o que realmente importa no conto é justamente o momento da transgressão desses limites,

vale dizer, o de sua experiência *désouevré* do *Unheimlich*. Mas os exemplos poderiam proliferar. É por exemplo o dom do *Unheimlich* aquilo que mais preza a agente de *O ovo e a galinha*: “Já me foi dado muito; isto, por exemplo: uma vez ou outra, com o coração batendo pelo privilégio, eupelo menos sei que não estou reconhecendo! com o coração batendo de emoção, eu pelo menos não compreendo! com o coração batendo de confiança eu pelo menos não sei.”⁴³ Como também a pintora de *Água viva*: “E quando estranho a palavra aí é que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida.”⁴⁴

O estranho me toma: então abro onegro guarda-chuva e alvoroço-me numa festa de baile onde brilham estrelas. O nervo raivoso dentro de mim e que me contorce. Até que a noite alta vem me encontrar exangue. Noite alta é grande e me come. A ventania me chama. Sigo-a e me estraçalho. Se eu não entrar no jogo que se desdobra em vida perderei a própria vida num suicídio da minha espécie. Protejo com o fogo meu jogo de vida. Quando a existência de mim e do mundo ficam insustentáveis pela razão — então me solto e sigo uma verdade latente. Será que eu reconheceria a verdade se esta se comprovasse?⁴⁵

Como Ângela de quem o “autor” de *Um sopro de vida* nos diz: “O que me cansa é que ela é indomesticável” etc...etc... etc...

Não basta interromper a narrativa oitocentista, não basta interromper o trabalho alienado, é preciso, por mais que ele seja imprescindível, interromper o labor, para que possamos ler a *insaisissable* Clarice Lispector.

NOTAS

1. O mesmo texto foi publicado em 1999 no caderno *Mais da Folha de São Paulo*.
2. Infelizmente não disponho de um conhecimento muito amplo do resto do texto do escritor, mas o pouco que sei me leva a crer que poderia ser bastante interessante a *mise en texte* dessa comunicação, vale dizer, sua confrontação com outros extratos que talvez a desdiguem. Por exemplo: Raul Antelo afirma, a partir de Silviano, em “Fantasmagorias libertárias” (In: *Navegar é preciso, viver — Escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte/Salvador/Niterói: UFMG/UFBA/UFF, 1997. p. 7), que “A experiência alimenta a narrativa naíve ao passo que simulacro, traição e desastre desenham a ética do mal da ficção pós-eventual”. Agora compare-se isso com o seguinte trecho de *A aula inaugural de Clarice* (op. cit., v. nota 1): “O micro-relato do acontecimento desconstruído dramatiza uma propensão do “instante-já” das coisas, das circunstâncias cotidianas, para que o ser humano se coloque em plena, concreta e instantânea experiência das virtudes utópicas: o bem, o amor, a luz, a alegria. A vida” (p. 14).
3. Ou serão todas essas questões aspectos de uma mesma questão? O certo é que encontram-se imbricadas ao extremo, imbricadas no extremo.
4. Afirmção a meu ver problemática por incidir de certa forma no próprio erro oitocentista (descrito por Silviano) ao limitar o âmbito dessa “tarefa arqueológica” ao “sistema” da literatura brasileira.
5. Mas será que alguém por si só pode “inaugurar uma tradição”? Como poderia Clarice ter feito valer seu texto dentro de semelhante contexto? Faltaria investigar, proceder a uma genealogia das condições de possibilidade desta ruptura, condições que, sem dúvida, não respeitam as fronteiras de uma nação. Ainda outro problema: tratar-se-á de fato de uma tradição feminina e subalterna? Quando Santiago mesmo diz que ela se caracteriza por não se subordinar a nada, por não estar a serviço dos acontecimentos, por traduzir-se na fórmula “simples” e “enigmática”: “*A literatura é literatura*”, por ser “um rio que inaugura seu próprio curso”? Não se trata antes de soberania e de sobrepujar as definições estanques de gênero (sexual, literário...)? “Inútil querer me classificar: eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais.” C. Lispector. *Água viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 13.
6. Após ter escrito esse “capítulo” do texto é que me dei conta, ao reler uma vez mais *Água viva*, que logo em sua primeira página Clarice escreve:

- “Quero possuir os átomos do tempo”. A meu ver isso não invalida minha argumentação, mas explicita que se trata de ler Clarice não apenas com e contra Silviano Santiago como também com e contra a própria Clarice.
7. Jean-Luc Nancy. *La communauté désœuvrée*. Paris: Christian Bourgois, 1990. pp 23-4.
 8. C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 16.
 9. Quarta epígrafe de C. Lispector. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 15.
 10. Palavra usada por Ângela para definir seu pensamento. C. Lispector. *Um sopro de vida*. Op. cit., p. 54.
 11. C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 16. Esse desespero das palavras é o mesmo a que se refere Bataille na conclusão de *O erotismo* (Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 253): “Há um ponto em que devemos apreender o conjunto dos dados do pensamento, o conjunto dos dados que nos põem em jogo no mundo. / Esse conjunto evidentemente nos escaparia se a linguagem não o expusesse. / Mas se a linguagem o expõe, só pode fazê-lo em partes sucessivas que se desenrolam no tempo. Nunca nos será dada, num só e supremo instante, essa visão global que a linguagem fragmenta em aspectos isolados, associados na coesão de uma explicação, mas que se sucedem sem se confundir no seu movimento analítico”.
 12. C. Lispector. *Água Viva*. Op. cit., p. 69.
 13. Alguns exemplos (S. Santiago. *A aula inaugural de Clarice*. Op. cit., v. nota 1): “Temos aí a passagem do conceito metaforizado de instante-já para a experiência subjetiva do personagem e desta para a sua exteriorização objetiva” (p. 11). “O acontecimento em Clarice transforma o personagem, fortalecendo o indivíduo” (p. 13). “Ao se metamorfosear em acontecimento, a experiência imediata ainda permanece um investimento do sujeito” (p.14). “Na sociedade industrial, ou melhor, nas condições do progresso técnico, quantitativo, o trabalho é justificado por um valor mais alto — a produtividade — e é concebido como trabalho socialmente útil e necessário, mas não como trabalho individualmente satisfatório e individualmente necessário” (pp. 16-17). “O labor é manifestação não da força alienada em trabalho socialmente útil e aferido pela produtividade, mas do cuidado, manifestação do ‘trabalho’ que contribui para o progresso qualitativo do indivíduo e, por consequência, do homem” (p. 17).
 14. Philippe Lacoue-Labarthe, em *La poésie comme expérience*, sublinha a etimologia da palavra *expérience*: “le latin *experiri* a la même racine que

periculum, péril”, e conclui: “L’expérience est dès le début et fondamentalement sans doute le fait de s’exposer au danger” (citado por Martin Jay. “Limites de l’expérience-limite: Bataille et Foucault”. In: _____. *Georges Bataille: après tout*. p. 39).

15. Tal o “pensamento dito ‘liberdade’”, informe, “o verdadeiro pensamento” que “parece sem autor” (cf. C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 91).
16. Citado por Martin Jay, op. cit., p. 54.
17. C. Lispector. “Amor”. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 20. É ao *clinamen* também que nos remete o ovo: “O ovo desnuda a cozinha. Faz da mesa um plano inclinado”. C. Lispector. “O ovo e a galinha”. In: *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 57.
18. Embora talvez se devesse falar antes que ele o des-forma (cf. por exemplo: “A beatitude começa no momento em que o ato de pensar liberou-se da necessidade da forma.” C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 91.)
19. C. Lispector. “Amor”. Op. cit., p. 22.
20. C. Lispector. *Felicidade clandestina*. Op. cit., p. 61.
21. Assim como Bataille nos diz que “la Révolution ne doit pas être considérée seulement dans ses tenants et aboutissants ouvertement connus et conscients mais dans son apparence brute”. *Acéphale*, nº 2. Paris: Jean Michel Place, 1995. p. 20.
22. C. Lispector. *Laços de família*. Op. cit., p. 18.
23. “O que chamava de crise viera afinal”. Idem, p. 22.
24. Idem, *ibidem*.
25. Idem, p. 24.
26. Idem, p. 135.
27. C. Lispector. *A paixão segundo G.H.*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964. pp. 181-2.
28. G. Bataille. *O erotismo*. Op. cit., p. 64.
29. Idem, p. 253.
30. M. Heidegger. *Sôbre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 37.
31. “Est-ce que ma vie rend vraisemblable que j’aie pu me laisser “couper les ailes” par qui que ce soit?” F. Nietzsche. “Carta a Theodor Fritsch”. Citado por Bataille em *Acéphale*, nº 2. Op. cit., p. 4. Podar as asas é por

- excelência a imagem da domesticação forçada e da “dessoberanização” (além de berrantemente evocar a castração).
32. C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 10.
33. C. Lispector. “Os desastres de Sofia”. In: *Felicidade Clandestina*. Op. cit., p. 116.
34. Aliás, não há aula inaugural nenhuma. Se tem uma coisa que Clarice não é, é professoral, didática. Seu texto não nos ensina com maestria, ele nos fere em sua soberania (cf. a distinção entre maestria (hegeliana) e soberania (bataillana) feita por Derrida na parte intitulada “L’epoque du sens: maîtrise et souveraineté” de seu ensaio “De l’économie restreinte à l’économie générale: un hegelianisme sans réserve”. In: *L’écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1994. pp. 369-408 — este ensaio não consta da tradução (traição) brasileira do livro).
35. C. Lispector. *Laços de família*. Op. cit., pp. 18-9.
36. C. Lispector. *Um sopro de vida*. Op. cit., p. 41.
37. C. Lispector. *Água viva*. Op. cit., p. 22.
38. “O ovo e a galinha”. In: *Felicidade Clandestina*. Op. cit., p. 57.
39. Para Clarice, tal como para Bataille, não há abismo maior do que o *bleu du ciel* (cf. A fuga: “A história de não encontrar o fundo do mar era antiga, vinha desde pequena. No capítulo da força da gravidade, na escola primária, inventara um homem com uma doença engraçada. Com ele a força da gravidade não pegava... Então ele caía para fora da terra, e ficava caindo, caindo e se acostumava, chegava a comer caindo, dormir caindo, viver caindo, até morrer. e continuaria caindo? Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade, pois costumava cansar-se pensando em coisas inúteis, apesar de divertidas.” *A Bela e a Fera*. pp. 100-101. Note-se a similaridade (nesse conto que o antecede em 20 anos) com “Amor”: o interdito, a contenção dessa sagrada queda (da inclinação, do *clinamen*), *vinculado ao marido, ao lar, ao labor*).
40. J. Derrida. *Dar el tiempo — 1. La moneda falsa*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 42.
41. “Obra? Não, eu quero a coisa prima. Quero a pedra que não foi esculpida” (Ângela — C. Lispector. *Um sopro de vida*. Op. cit.). Segundo Ana Luiza Andrade, perguntada se os textos de *Via crucis do corpo* não

prejudicariam a imagem do todo de sua obra, Clarice teria respondido: “Minha obra é que se dane!”. Como *désouevré* Clarice caracteriza também o “estado de graça” (equivalente ao êxtase, à beatitude, ao clímax...?): “O estado de graça de que falo [ao contrário da ‘inspiração poética’] não é usado para nada”.

42. Assim como a experiência interior que, segundo Bataille, é o contrário da ação na medida em que esta permanece submissa ao domínio do projeto, ou seja, da postergação da atualidade do ser.
43. C. Lispector. *Felicidade Clandestina*. Op. cit., p. 66. Neste conto encontramos também a seguinte afirmação “Ele [o ovo] é dom” (p. 58).
44. C. Lispector. *Água Viva*. Op. cit., p. 85.
45. Idem, pp. 40-1.